

LAUTREAMONT E A CRÍTICA

Moisés, Leyla Perrone — *A Falência da Crítica*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1973, 176 pp.

Um breve quanto substancioso trabalho eis o que nos apresenta a A., rastreando todo o processo (e processos) críticos em torno da controversa figura do poeta Lautréamont. L.P.M. repassa amplamente as atitudes críticas surgidas até a atualidade, passando pela posição ética, biográfica, psicológica, temática, estruturalista e outras, diante da obra literária.

Numa visão geral resulta que L.P.M. mantém-se numa atitude isenta de ânimos, racional, cartesiana, fundamentada num processo de amadurecimento e de tomada de consciência gradativa da coisa literária, particularizado aqui para a poesia de Lautréamont.

Na introdução a A. foca problemas relativos à pobreza de dados biográficos do citado poeta, fixando apenas que "autor e obra estão marcados com o selo da estranheza" (p. 9).

A A. lucidamente assinala as raízes a que está presa a obra de Lautréamont, destacando especialmente a presença de uma atitude surrealista e freudiana e em particular a importância da obra em si e das possibilidades que fornece a uma variada abordagem crítica.

Outro problema focado por L.P.M. é o relativo ao parasitismo da crítica, no ver de alguns, mas devidamente todo o seu trabalho revela preocupação em assinalar que há posições críticas mais válidas e outras menos válidas.

A propósito de Lautréamont, aproxima-se como vida e como obra (especialmente na poesia) de Baudelaire e Rimbaud, naquilo que têm de maldito e de obra breve e reveladora de uma total estranheza diante da vida e do mundo.

E no presente trabalho, os **Cantos de Maldoror** e as **Poesias** de Lautréamont servem de pretexto para a A. estudar a validade dos vários tipos de crítica. É o que se lê à página 15:

"Eis o que nos levou a tomar Lautréamont como objeto privilegiado para servir de teste aos métodos da crítica literária. A crítica, mais do que Lautréamont, constitui o verdadeiro objeto de nossa indagação."

Embora rastreando as várias críticas com relação a Lautréamont, nota-se que são poucas as vezes que a A. ilustra suas afirmações sobre o poeta e seus textos, vale dizer, as **Poesias** e os **Cantos de Maldoror**, o que mostra realmente que estamos diante de um livro que fundamentalmente se trata de crítica literária do que análise de texto poético.

Embora tenha consultado um grande número de obras sobre Lautréamont e sobre a crítica, a A. respinga aqui e ali, algumas considerações sobre as várias posições da crítica, ficando o poeta em questão, em plano secundário. Portanto, como se está a ver, **A Falência da Crítica** oscila entre o exame do texto de um poeta e a teoria da crítica, pendendo, evidentemente mais para este último aspecto. O trabalho não é exaustivo, nem no tocante ao estudo da crítica nem na análise de Lautréamont. Seria a presente obra de L.P.M. uma dessas que ficam a meio do caminho?

No capítulo intitulado "A Crítica da Perplexidade", a A. focando os **Cantos de Maldoror** e as **Poesias**, acentua a sensação de espanto e de estranheza que se apodera dos críticos, através do depoimento de Alfred Sircos:

"O primeiro efeito produzido pela leitura desse livro é o espanto: a ênfase hiperbólica do estilo, a estranheza selvagem, o vigor desesperado da idéia, o contraste entre esta linguagem apalxonada e as mais insossas elocubrações de nosso tempo, lançam inicialmente o espírito numa profunda estupefação. (pp. 18-19).

Mais adiante a A. assinala o problema moral: exaltação do Mal pelo Mal ou para valorizar o Bem colocando o dedo no aspecto fulcral dos **Cantos de Maldoror**.

No capítulo "A Crítica do Gosto e do Desgosto", a A. constata a posição de Rémy de Gourmont que se situa no primeiro aspecto e a de Léon Bloy que se insere na segunda posição e em ambos L.P.M. assinala que pesa um intenso subjetivismo que distorce a visão equilibrada da obra literária, acentuando:

"O crítico impressionista (Bloy e Gourmont no caso) trabalha com várias categorias, algumas puramente subjetivas (afinidades ou idiosincrasias) e outras que visam incluir a obra na sociedade (categorias éticas e estéticas). (p. 27)

Ainda nesse capítulo, L.P.M. assinala as posições desencontradas de artistas, poetas e prosadores, que ou não tinham ouvido falar sequer do nome de Lautréamont ou julgavam nula sua influência e outros que incensavam a obra do poeta.

O maior mérito da A. foi, assim, desenterrar do esquecimento ou do quase esquecimento, um autor que, pelo significado e pelo exótico da obra, formaria o já assinalado trio de poetas "malditos", ao lado de Baudelaire e de Rimbaud. Aqui sim, está bem o papel da crítica em fazer reaparecer os artistas que imerecidamente (muitas vezes à conta de serem "malditos") foram lançados ao ostracismo.

Mais adiante a A. situa a obra de Lautréamont diante da crítica impressionista, simbolista e tradicionalista e conclui que nenhuma destas posições poderia entender bem a obra do poeta:

"Lautréamont não podia ser compreendido nem pelos continuadores da tradição clássica, nem pelos críticos de imprensa, nem pelos decadentistas, muito linfáticos para apreciar um poeta da revolta ativa". (p. 31).

O capítulo "A Crítica da Razão Impura" inicia-se com duas idéias opostas, uma de Giuseppe Ungaretti e outra de Rémy de Gourmont, o primeiro assinalando a presença de uma lógica excessiva em Lautréamont e o segundo a ausência da consciência do processo lógico.

Nesse capítulo a A. tece uma série de considerações sobre o problema da lógica e da loucura mostrando que Lautréamont foge do discurso tradicional e apela para um desvio da linguagem que configura mesmo o processo de alienação.

Contudo, o poeta tem a sua lógica que é baseada na loucura, no inconsciente coletivo, que é a não aceitação dos padrões tradicionais, no campo da poesia. A propósito L.P.M. cita um texto de Duvernois que assim se pronuncia sobre o assunto:

"Lendo o estilo caótico do conde de Lautréamont, por exemplo, um homem de gosto verá imediatamente o que produz um pensamento do qual a reflexão está ausente e que é levado por um vento de loucura; ele notará que as frases não são ligadas entre si por aquele elo lógico e sólido que se encontra em todos os grandes clássicos". (p. 39).

O capítulo seguinte, "A Crítica Ética" em que se coloca o problema do Bem e do Mal a A. aplica mais diretamente aos **Cantos** e começa afirmando que tal tipo de crítica é exercida por pessoas que já têm seu "próprio sistema de valores e um programa de ação correspondente" (p. 43), concluindo por ser esta uma posição partidária e de censura diante do fato literário. Depois de estudar com certa detença a posição dos crí-

ticos que se situam dentro desta perspectiva moral, seja ela filosófica ou religiosa, conclui por afirmá-la sempre uma violação da autonomia da obra literária. No geral, a A. assinala que os preocupados com a dimensão ética e moral da Lautréamont, condenaram a obra, sejam os *Cantos*, sejam as *Poesias*.

Estudando a "crítica biográfica" páginas adiante, L.P.M. lembra que Lautréamont é o tipo do artista que põe em choque a validade de tal posição, já que praticamente não há quase dados biográficos. Como sair do impasse, dentro desta perspectiva? Com muita propriedade, lembra a A.:

"Lautréamont é um objeto privilegiado para por em crise esse gênero de crítica, ou antes, para tornar evidente uma crise permanente. Lautréamont é um escritor sem biografia, já que não podemos considerar uma biografia três atestados (de nascimento, de batismo e de óbito), seis cartas de negócios (a primeira a um crítico, três aos editores e duas a um banqueiro), algumas citações entre os prêmios de fim de ano nos liceus de Tarbes e de Pau, vagas lembranças num depoimento de um colega de escola (recolhidas depois de transcorridos sessenta anos). (pp. 51-52).

A idéia fundamental da A. é que seria impossível pensar-se numa crítica meramente biográfica para estudar Lautréamont, o que mostra a falácia de tal crítica se rigorosamente pudéssemos considerá-la como tal.

Ainda mais, a inexistência de biografia de Lautréamont, rigorosamente falando, colaborou para que se passasse um estudo imanente da obra literária, o que mostrou que não são imprescindíveis (nem necessários) os dados biográficos, para a compreensão da obra literária.

No capítulo em questão, a A. analisa o estudo biográfico realizado por Peyrouzet e o trabalho de tal natureza, mas também preocupado com as *Poesias* e os *Cantos* levado a efeito por Pleynet acerca de quem conclui:

"Pleynet não é, por princípio, um crítico biográfico, e é mesmo com certa satisfação que ele atesta a inexistência de uma biografia de Lautréamont, o que lhe permite passar mais rapidamente ao estudo dos problemas da obra" (p. 59).

Os capítulos seguintes, num processo de tomada progressiva da obra literária (no caso a de Lautréamont), L.P.M. passa pela crítica mistificadora, ocultista, a das fontes, a psicológica e psicanalítica, a temática, a marxista, a estruturalista e a semiológica, encerrando com a autocrítica.

Conclui pela maior validade da crítica estruturalista e semiológica, em que está inserida para alguns a crítica temática.

Como se poderá ver, a A. lucidamente se propõe ao estudo das possibilidades e limitações de vários tipos de crítica, num estudo altamente

científico e caracterizadamente de pesquisa. Pesquisa pela investigação calma e perseverante, pesquisa pela originalidade, pela contribuição, pelo processo de amadurecimento em torno da teoria da crítica e da obra de Lautréamont.

Indiscutivelmente, se trata de obra indispensável não só pelo aproveitamento do passado, por revelar um estado de espírito e uma norma de ação (requisitos da verdadeira pesquisa), em termo de uma atuação no presente e também por quase profeticamente saber vislumbrar o futuro:

"Vemos então chegar o momento do encontro, o momento em que a crítica e literatura, tendo o mesmo objetivo, a mesma atitude e os mesmos meios, se fundirão finalmente na escritura e correrão todos os riscos dessa "experiência inaugural". (p. 166).

Resta ainda acrescentar a outros valores deste presente trabalho a preocupação de desenterrar Lautréamont, poeta injustamente esquecido, e de mostrar aquilo que tem realmente valor em sua obra literária.

Ao fim e ao cabo este *A Falência da Crítica*, confirma Leyla Perrone Moisés, como das mais finas, sutis e profundas estudiosas da Crítica Literária e da Literatura Francesa.

PROPEDEÚTICA LINGÜÍSTICA

A tradição dos estudos lingüísticos no Brasil, compreendida a lingüística como estudo autônomo e desvinculado das confusões com a filologia, só começou a existir no Brasil quando em 1938 Joaquim Mattoso Câmara Júnior foi nomeado docente da Faculdade de Filosofia e Letras do antigo Distrito Federal.

O prefácio que o Dr. Souza da Silveira, inesquecível mestre das **Lições de Português**, fez para os **Princípios de Lingüística Geral** (1), em 1941, já bem demonstrou os percalços, as barreiras pelos quais passou a lingüística nos seus primeiros momentos no Brasil.

Na década de 60, tal como ocorreu com a Reforma Capanema e o ensino do latim, a colocação da lingüística como matéria obrigatória dos currículos universitários fez com que uma acomodação, uma adaptação transformasse improvisadamente professores de disciplinas muito ou pouco afins em lingüistas.

Dáí a necessidade dos manuais introdutórios se fez cada vez mais imperiosa.

Embora o livro do prof. Mattoso se queira como "Princípios" e como "Introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa", na verdade todos os estudantes que por ele fizeram a sua iniciação, puderam sentir a dificuldade que representa a compreensão dessa grande obra. Discutindo conceitos desde a colocação do primeiro parágrafo usando uma ampla bibliografia, a obra do Mestre só é iniciação por uma questão de título e modéstia do autor.

Em 1954 aparece **A Linguagem**, de Edward Sapir (2), em tradução de Mattoso Câmara. Como subtítulo consta "Introdução ao Estudo da Fala". Não obstante a leitura fácil e correntia, o livro do eminente lingüista-anthropólogo é muito mais de caráter descritivo-questionador ("o seu escopo, precípuo, diz Sapir no prefácio, é mostrar a minha maneira de conceber a

linguagem e as suas relações com outros Interesses humanos básicos") que propriamente uma introdução no sentido propedêutico de uma visão geral das diversas escolas.

Havia também, em edição portuguesa, de André Martinet, os famosos *Elementos de Linguística Geral* (3), de 1964. Ai, Martinet expõe a sua teoria sobre o funcionalismo da linguagem, pesquisa de cunho epistemologicamente original, sem contudo ser introdutório no sentido panorâmico.

Com o passar dos anos, os cursos foram-se ampliando e, de um semestre, hoje temos institutos que ministram a lingüística em até quatro. E a USP já lançou a primeira licenciatura em lingüística.

A partir dessa tomada de consciência do valor e da necessidade dos conhecimentos mínimos dos mecanismos da linguagem, diversas editoras têm-se lançado na impressão de tradução de manuais já consagrados nas universidades quer européias, quer americanas.

Exemplo disso são "*As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*" (4), do belga Maurice Leroy; *As Novas Tendências da Lingüística* (5), do grande lingüista sueco Bertil Malmberg; *A Lingüística Estrutural* (6), do italiano Giulio Lepschy e mesmo a *Introdução à Lingüística* (7), de George Mounin, editada em Portugal, sem falar nos manuais de John Corrol e Ronald Langacker (8).

O que se observa numa crítica acurada desses manuais — os três primeiros foram editados no Brasil em 1971 — é que ora são simplórios como o de Leroy, contendo inclusive críticas perfunctórias e não-pertinentes como a de que Hjelmslev criou "uma terminologia particular, que lhe dá às pesquisas um aspecto hermético e torna desconcertante a leitura de seus trabalhos para os não-iniciados" (p. 5). Em primeiro lugar, Louis Hjelmslev erigiu uma teoria lingüística, a partir da colocação saussuriana de que a "Língua é forma e não substância", donde seu trabalho não é para principiantes; segundo, a dificuldade não advém da nomenclatura — esotérica, segundo Leroy —, mas do raciocínio cerradamente hipotético-dedutivo do pai da Glossemática. Ora são tendenciosos, como o de Georges Mounin, que reacionariamente erige Martinet e seu funcionalismo ao pedestal de único manual francês de iniciação na lingüística (p. 21) e vê em Chomsky (p. 118/9) "um magma de aventureirismo filosófico", capaz de arruinar o que "há de solidamente lingüístico no velho processo das transformações". Ora são puramente compilatórios, como o de Lepschy. O autor de "*A Lingüística Estrutural*" ataca e resume (?) a gramática transformacional em dez páginas — 153 a 163.

Dos que ora temos em tradução, creio ser o de Bertil Malmberg o melhor. Criterioso, acessível, o autor de *La Phonétique* começa com a distinção fundamental entre filologia e lingüística e paulatinamente leva o leitor ao conhecimento dos pontos capitais das mais diversas tendências. Dadas as origens do grande foneticista sueco, os capítulos que versam sobre a Escola de Praga, a Fonética Experimental e a Glossemática são passos brilhantes numa visão panorâmica.

É nesse contexto que surge o livro da prof.^a Leonor Sciliar Cabral: *Introdução à Lingüística* (9). E creio que é bem-vindo. Usando de uma bibliografia atualizada e abrangente, sem "parti-pris", a autora consegue abordar tanto a lingüística mais saussuriana, quanto a lingüística de linha bloomfieldiana.

Com uma linguagem fluida, aborda conceitos gerais como língua/diácurso, sincronia/diacronia, bem como os aspectos específicos da gramática transformacional.

Agradou-me — e muito — o fato de a autora ter colocado ao fim de cada capítulo uma bibliografia básica e exercícios que procuram fixar os conteúdos e até mesmo temos a chave para aqueles que abordarão o livro autodidaticamente.

Para uma próxima edição — e creio não tardará — a autora deveria desenvolver alguns tópicos, tais como a estilística, a arbitrariedade do signo (10), a semântica que, em oposição à excelente exposição sobre a morfologia, figurem ou muito compactos ou em doses homeopáticas.

É, sem dúvida, um bom trabalho o livro da prof.^a Leonor Cabral. É uma introdução no mais acadêmico dos sentidos, e tópicos como as funções da linguagem, pelo caráter exaustivo que assumiu, trabalhando a problemática das funções desde Bühler a Hymes, têm muito a ensinar até aos já iniciados.

NOTAS:

- (1) Acadêmica, Rio, 1941.
- (2) INL., Rio, 1954.
- (3) Sá da Costa, Lisboa, 1964.
- (4) Cultrix, S. Paulo, 1971.
- (5) Editora Nacional, S. Paulo, 1971.
- (6) Perspectiva, S. Paulo, 1971.
- (7) Iniciativas Ed., Lisboa, 1970.
- (8) *O Estudo da Linguagem*. John Corrol., Vozes, Petrópolis, 1973.
A Linguagem e sua Estrutura. Ronald Langacker. Vozes, Petrópolis, 1972.
- (9) Globo, P. Alegre, 1973, 226 pp.
- (10) A propósito dessa discussão, publíquela — juntamente com o prof. Jorge Campos — um artigo na Revista ENFOQUE N.º 2 Bento Gonçalves, junho de 1973, p. 10.